

Narrativas juvenis e socialização reflexiva:

Do que falam os jovens quando falam de mídia?

Youth narratives and reflective socialization:

What do young people say when they talk about media?

Carla Baiense Felix

Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ, com pós-doutorado em Educação pela UFSCar. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Niterói (RJ), Brasil.

Introdução

No prefácio da obra *Ofício de cartógrafo*, o filósofo e antropólogo Jesús Martin-Barbero (2002, p. 33) exprime uma importante percepção a respeito do papel da telenovela na cultura latino-americana. Ele observa que, entre as classes populares, as narrativas televisivas fornecem o pré-texto para que os sujeitos falem de si. Segundo o autor, a maioria dos espectadores “começa contando o que se passou na telenovela, mas logo o que aconteceu no capítulo narrado se mistura com o que acontece às pessoas na vida delas”.

A despeito do que revelam sobre a intrínseca relação entre a cultura de massa e a cultura popular, como assinala o autor, as narrativas desses sujeitos nos permitem ver, também, o papel da mídia na produção de vínculos e subjetividades. Para Dubet (1994, apud WAUTIER, 2003, p. 369):

A televisão é um objeto de consumo, mas também uma forma de vínculo social (e assim produz sentido); ela também permite um distanciamento na formação e expressão da opinião (sobre o conteúdo dos programas ou sobre a própria TV). Desta forma, a televisão é um “palco de representação social”, e a mídia em geral “não só dá uma definição do mundo, mas o registra e o constrói”.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v21.ed43.2021.224>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 21, Nº 43, p.191-209, jan./abr. 2021

Como aponta o autor, a mídia se tornou uma instância de produção e reprodução de estilos e referências de comportamento. Mas não está só. Ela atua ao lado de instituições tradicionais, como a família e a escola, e de outras mediações sociais, como a música e a religião. Para Dubet, numa sociedade assim fragmentada, a socialização tornou-se um processo reflexivo. Dessa forma, “o sentido da experiência social não é mais dado nem pela vida social, nem pela unidade do sistema, é o produto de uma atividade” (WAUTIER, 2003, p. 222).

Martuccelli (2002) também defende que o indivíduo não pode mais ser apreendido a partir de suas posições sociais. É preciso reconhecer as matrizes de cultura, as estratégias de transmissão e os processos elaborados pelos próprios sujeitos nas suas experiências (SETTON, 2011, p. 715). Entre essas matrizes, Setton reconhece a mídia e o mercado de cultura de massa, que se alimenta das “culturas de caráter humanista, nacional, religiosa” (p. 714).

A ênfase do vínculo social na atividade individual produziu, para esses autores, um deslocamento estratégico do interesse sociológico - das estruturas para o indivíduo -, conforme Dubet, “pois é ele quem vai cristalizar a maior parte dos mecanismos sociais. No fundo, é o indivíduo que, ao se produzir, produz também a vida social” (SILVEIRA, 2015, p. 160).

Seguindo as pistas dessa sociologia da experiência (DUBET, 1994), que analisa como o indivíduo produz o vínculo social, nos propomos a investigar um grupo de estudantes do 8º ano de uma escola pública de Niterói, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Tendo como pré-texto a realização de uma oficina de produção e leitura crítica da mídia, observamos como se constrói a “condição juvenil” nas narrativas de jovens e adolescentes, marcados por processos de socialização distintos, mas que partilham, entre si, a mesma posição geracional (MANNHEIM, 1952).

O conceito de juventude e o problema das gerações

Para Mannheim (1952, p. 278), o interesse sociológico pela juventude deriva de um problema fundamental para o campo: o processo de transformação social. Num texto clássico, publicado numa coletânea em 1952, o autor apresenta as duas principais correntes que trataram do assunto: a positivista,

francesa, que buscava reduzir o problema das gerações a uma lei geral sobre “o ritmo do desenvolvimento histórico”, e a histórico-romântica, alemã, que analisava a questão a partir da existência de um tempo interior, “que não pode ser medido, apenas experimentado em termos puramente qualitativos” (p. 281).

A partir das contribuições de seus predecessores, o autor elabora uma análise que considera os fatores biológicos e sociais envolvidos no problema das gerações, traduzindo essa perspectiva em três conceitos-chave: posição geracional, conexão geracional e unidade geracional.

Partindo da expressão de Pinder (1926) de “não contemporaneidade dos contemporâneos”, Mannheim chega à proposição do conceito de “posição geracional” para indicar a diferença qualitativa na experiência de grupos que, mesmo compartilhando o mesmo tempo histórico, se encontram em diferentes fases da vida. Para ele, são as experiências comuns, não a copresença, que definem a posição geracional.

Assim como a “posição de classe” oferece um conjunto de modelos de comportamento, sentimentos e pensamentos para os sujeitos, a experiência geracional permite o compartilhamento de um conjunto de oportunidades. No entanto, nem todos os sujeitos na mesma posição geracional vão acessar as oportunidades que lhes são oferecidas. Para haver uma “conexão geracional”, é necessária uma vinculação em algum tipo de prática concreta (WELLER, 2010, p. 214).

Outro problema que o autor examina é a resposta que as gerações oferecem aos problemas do seu tempo. Ele observa que muitas questões são processadas de forma distinta, em alguns casos opostas, pela juventude alemã dos anos 1920, produzindo o que chama de diferentes “unidades geracionais”. Schaffer (apud WELLER, 2010, p. 216) acrescenta que o conceito de unidade envolve “tanto grupos concretos, como a experiência adquirida em contextos comunicativos, entre outros, aqueles disponibilizados pelos meios de comunicação”.

A partir do conceito de unidade geracional, podemos compreender por que a juventude não deve ser vista como naturalmente conservadora ou progressista. Suas respostas são “atravessadas por outras posições sociais, tais como classe, gênero, raça, local de moradia etc.” (CORROCHANO; DOROW, JARDIM, 2018, p. 51).

As reflexões de Mannheim nos levam a concluir que estudar a juventude requer uma análise da experiência dos sujeitos em situações concretas. Ainda que, formalmente, no Brasil sejam jovens os

indivíduos entre 15 e 29 anos, há uma série de condições que diferenciam a experiência juvenil, ou “condição juvenil”, que, conforme a definição de Dayrrel (2007, p. 1108):

Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.

Nesse sentido, há uma dimensão histórica e social, mas há também uma dimensão narrativa dessa condição juvenil. Retomando o argumento sobre as novas formas de socialização, a produção de sentidos sobre a condição juvenil depende da situação concreta dos sujeitos, mas também dos processos de vinculação definidos nos seus percursos de vida. Conforme Dubet (SILVEIRA, 2015, p. 160), “estamos em uma sociedade culturalmente cada vez mais individualista... Individualista no sentido de que nessa sociedade o indivíduo reivindica sua própria referência”.

Para Dayrrel (2007, p. 1105) a condição juvenil expressa justamente essa mutação no processo de socialização. A figura que ele utiliza é a do *iceberg*, a parte visível de uma transformação ampla e profunda nas formas como a sociedade “produz” os indivíduos. Neste sentido, as narrativas dos sujeitos juvenis nos dão pistas para compreendermos os novos processos de individuação e vinculação social.

Jovens e narrativas de si

Apreender a “condição juvenil”, tal como é construída pelos sujeitos, requer estratégias investigativas que, em primeiro lugar, permitam suplantar as dificuldades que se colocam para as pesquisas que têm a juventude como “objeto”. Pappámikail e Vieira (2017) elencam alguns entraves nesse percurso. O primeiro diz respeito à relação assimétrica entre investigador e informante, incluindo a posição geracional, os capitais de cada um e o nível de interesse de ambos no trabalho de campo. O espaço em que a pesquisa se desenvolve também modula a relação e a confiabilidade que se estabelece entre os sujeitos. Por fim, a temporalidade, compreendida em suas várias dimensões, como a duração e a saturação do tempo no campo, impactam a qualidade do dado obtido.

Além disso, o investigador precisa suplantar a resistência juvenil a expor suas posições para o mundo adulto. As autoras acentuam essa dificuldade quando se trata de pesquisa com sujeitos adolescentes, momento da vida marcado por uma “ambiguidade identitária” (p. 33-34): por um lado, o

adolescente manifesta seu desejo de autonomia; por outro, ainda mantém uma relação de dependência com os adultos.

Como resultado, os pesquisadores podem-se deparar com uma reação defensiva, expressa através de um processo de fechamento à intromissão dos adultos. Quando respondem de maneira evasiva às questões colocadas pela pesquisa, os sujeitos podem estar, simplesmente, buscando “defender o ‘mundo adolescente’ de um escrutínio adulto que pode ameaçar liberdades provisoriamente conquistadas ou sancionar práticas e representações culturais” (PAPPÁMIKAIL; VIEIRA, 2017, p. 34).

Muitas dessas objeções apareceram ao longo de nossa incursão. Algumas já estavam previstas, mas outras nos surpreenderam ao longo do trabalho, exigindo correções e mudanças de curso. Nossas pesquisas sobre a relação entre mídia e juventude tiveram início em 2014, quando começamos a mapear os usos e apropriações midiáticos de sujeitos que, embora compartilhem a mesma posição geracional, experimentam sua condição juvenil de maneiras distintas.

Em 2018 realizamos uma observação participante sobre consumo noticioso e letramento midiático e informacional numa escola federal no município de Niterói, a partir da oferta de uma oficina de produção e leitura crítica da mídia. A “condição juvenil” foi um dos temas que ganharam destaque nas narrativas dos estudantes e por isso passou a ocupar um lugar central na observação seguinte¹, realizada em 2019, numa escola da rede estadual também no município de Niterói. A oficina, portanto, se colocava como estratégia investigativa que nos permitia não apenas observar, mas também intervir sobre o letramento midiático e informacional do grupo. Para isso, realizamos atividades que incentivavam uma leitura crítica de notícias publicadas em diferentes suportes. Além disso, propusemos a produção de material em formato jornalístico a partir dos interesses manifestados pelos próprios estudantes.

Dentro dessa proposta mais ampla, realizamos um recorte, observando como se construía a relação entre mídia e subjetividade entre os sujeitos pesquisados. Nosso objetivo, a partir desse recorte, era investigar de que formas os jovens produzem narrativamente a “condição juvenil” a partir das suas interações midiáticas, considerando a cultura midiática uma das mediações fundamentais no processo de socialização contemporâneo.

¹O recorte sobre a relação entre mídia e subjetividade é objeto da investigação de pós-doc que realizamos ao longo de 2019-2020, vinculada ao Programa de Educação da UFSCar.

Partimos da mesma metodologia aplicada na primeira pesquisa, incluindo a definição da amostra e as estratégias de aproximação. Nesse sentido, buscamos a equipe pedagógica da instituição, explicando a proposta da pesquisa e a oficina de produção e leitura crítica da mídia, a partir da qual se daria a observação. Obtivemos a aprovação e o apoio da escola, que nos permitiu, num primeiro momento, fazer o convite pessoalmente para as oito turmas de Ensino Médio, que estudam no turno da manhã. Em função do público que desejávamos atingir e do modelo de oficina, desvinculado das aulas regulares, mantivemos a oferta da atividade no contraturno, no período da tarde. Obtivemos um total de 28 voluntários, que se inscreveram presencialmente, após o convite, e forneceram seus contatos.

Nossa metodologia previa uma oficina em oito encontros, voltados à leitura crítica da mídia e à produção de conteúdos midiáticos, em formato de blog ou radiojornal, conforme a escolha do grupo. Os encontros seriam mediados por pesquisadores e observadores, que registrariam as interações em cadernos de campo.

O encontro com os estudantes foi precedido de entrevistas com a direção e algumas conversas informais com os professores. Entre as informações colhidas, nos chamou atenção o relato dos professores sobre o “desinteresse dos alunos” e o desalento da direção em relação à continuidade dos estudos dos egressos. Segundo a equipe pedagógica, boa parte dos estudantes, ao deixar a escola, entra no mercado de trabalho em ocupações de baixa remuneração, em geral no comércio local, e não ingressa ou não tenta ingressar na universidade.

Esse é um diagnóstico, segundo Dayrrel (2007, p. 1106), comum entre muitos educadores, para os quais a raiz da “crise” da escola está no caráter da juventude. Nesta perspectiva, o “pretenso individualismo de caráter hedonista e irresponsável” dos jovens gera o desinteresse pela educação regular.

Também nos chamou atenção a relação entre os jovens e o mundo do trabalho, considerada uma das mediações importantes na produção da condição juvenil. Muitos dos estudantes informavam que não poderiam participar da oficina porque trabalhavam no turno da tarde.

Dayrrel também assinala o impacto das transformações no mundo do trabalho sobre os percursos juvenis. A redução dos postos formais e a precarização salarial redefinem a perspectiva dos jovens frente à instituição escolar. Isso é ainda mais candente para uma juventude pobre, para a qual trabalho e escola não são opções opostas, mas dependentes entre si, tanto moldando a experiência escolar quanto

limitando as possibilidades de sustento. (p. 1108). “Abrir mão” do tempo laboral para o aprendiz é muitas vezes uma opção custosa para essa juventude.

No dia combinado para o início da oficina, apenas um dos inscritos se apresentou no local marcado. Em conversas informais com os alunos, mapeamos algumas pistas para a baixa adesão, sendo a mais importante delas o horário. Como muitos trabalham no contraturno, não poderiam ficar depois da aula. A falta de professores, que deixaria os alunos livres para voltar para casa mais cedo, a realização de cursos de capacitação à tarde ou mesmo a proibição dos responsáveis foram outros motivos apontados.

Também nos ocorreu que os alunos não tivessem entendido a proposta ou percebido um ganho concreto na participação da oficina. Por fim, não podemos descartar a possibilidade de que a compreensão da mídia não se colocasse como um “problema” para aquela unidade geracional. Vale lembrar que, no primeiro colégio investigado, boa parte dos estudantes tinha a pretensão de ingressar na faculdade e seguir alguma carreira ligada ao campo da comunicação. Ou ao menos pensava em fazer o Enem, considerando a oficina, então, uma forma de se preparar para ele. E se mostrava verdadeiramente interessada em compreender os critérios para avaliar a confiabilidade da informação da mídia.

Esse conjunto de elementos poderia levar-nos a associar a desistência dos secundaristas do segundo colégio ao “desinteresse” da juventude ou à “crise” da instituição escolar. Uma pesquisa sobre o colégio nas redes sociais, no entanto, relativizava essa percepção. Descobrimos que os secundaristas da unidade participaram ativamente das ocupações de 2016, protagonizando diversas cenas de resistência quando a polícia tentou entrar e retirar estudantes à força da instituição.

Embora em três anos fosse possível que boa parte, se não todos os participantes do movimento, já tivesse saído da escola, acreditamos que a memória coletiva (MANNHEIM, 1952) da ocupação pudesse ter deixado um legado para o corpo discente. Memória, neste caso, não apenas no sentido simbólico, mas enquanto relato: por meio de vídeos curtos, produzidos com as câmeras dos celulares, os jovens fizeram circular narrativas contra-hegemônicas, que legitimavam o direito à manifestação e defendiam a integridade física dos secundaristas.

Como nos mostram as análises sobre ocupações de 2016, as performances dos estudantes revelavam o interesse em conferir “novos sentidos à vida escolar” (CORROCHANO; DOROW, JARDIM, 2018, p. 51), e o desejo de alcançar mais autonomia e participação na definição de suas prioridades. Assim, a

percepção apressada de que os estudantes eram “desinteressados” não refletia a complexidade da experiência juvenil no território estudado.

De todo modo, diante da visível desistência do primeiro grupo recrutado, a escola nos apresentou uma opção: oferecer a oficina a uma turma do 8º ano que estava momentaneamente com dois tempos vagos, em função da falta de professores. Apesar de não terem completado o Ensino Fundamental, muitos desses estudantes já tinham 15 anos, ingressando, formalmente, na fase da juventude. Diante dessa constatação e da possibilidade de fazer uma primeira aproximação entre a universidade e a escola, decidimos iniciar o trabalho, conscientes de que os dados gerados não seriam passíveis de uso comparativo com a outra amostra.

Enfatizamos esse percurso de aproximação porque acreditamos que o desenvolvimento das outras etapas reflete sob muitos aspectos esse processo inicial: inclusive o fato de estarmos lidando com uma “turma”, não simplesmente com um grupo de jovens. A distinção automática que se estabelece entre eles – os alunos – e nós – professores – marcou em muitos momentos a relação entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa, impactando nas formas de encaminhamento e no tipo de dado produzido.

Dos 20 alunos que aceitaram o convite para participar da oficina², cinco já haviam completado 15 anos, e uma tinha 17 anos. Os outros tinham entre 13 e 14 anos. A maior parte do grupo, portanto, não se encaixava na fase da juventude. Do ponto de vista empírico, no entanto, observamos algumas especificidades que poderiam problematizar essa condição, como a presença de uma gestante e de uma estudante que já não morava com os pais, embora dependesse economicamente deles, ambas adolescentes no sentido jurídico.

Cabe ressaltar, também, que o número de participantes na oficina oscilou ao longo dos encontros, influenciando, inclusive, na duração da atividade, como explicitaremos mais à frente. Participar significava abrir mão do tempo livre, uma vez que a oficina era uma atividade voluntária, num horário alternativo, o que deixava os estudantes à vontade para optarem por outra ocupação ou chegarem à escola apenas no horário de início das aulas.

²O número de participantes variou ao longo da oficina, mas podemos afirmar que 20 sujeitos estiveram em pelo menos algum dos encontros.

Seguindo nossa estratégia investigativa, explicamos a proposta de atividade ao grupo indicado – uma oficina de produção e leitura crítica da mídia em oito encontros – e sua relação com a pesquisa sobre mídia e juventude que desenvolvemos. A oficina pressupunha o desenvolvimento de um produto informativo em uma das plataformas apresentadas: rádio ou blog.

Iniciamos a discussão para escolher o formato do produto ainda no primeiro encontro, o que nos permitiu perceber o interesse do grupo em “dar sua opinião”. Pudemos notar a liderança dos mais velhos na exposição de argumentos contra e a favor, embora o silêncio dos mais jovens não significasse necessariamente aprovação ou concordância. Isso ficou evidente quando fizemos a votação para a escolha, e a posição dos estudantes mais articulados foi preterida pelo grupo.

Essa primeira discussão nos deu algumas pistas para compreender o papel da sociabilidade sobre a construção do vínculo social entre os jovens. Para Dayrrel (2007, p. 1111), estar com o grupo de amigos “parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade”. A relação com os pares, portanto, tornou-se uma referência central para o vínculo, que se estabelece em torno de um “eu” e um “nós” distintivo.

Ao longo dos encontros, pudemos observar que alguns jovens/adolescentes faziam escolhas influenciadas pelos colegas, mas não necessariamente em função de uma lógica argumentativa. A “força do grupo” se manifestou em diversos momentos, contribuindo, inclusive, para o encerramento da oficina no sexto encontro, quando os participantes preferiram participar do campeonato de Uno, organizado pelos próprios estudantes. Embora não pudéssemos mapear os capitais envolvidos nas relações, as negociações se davam a partir da posição estratégica dos sujeitos no grupo.

O desenvolvimento da oficina previa encontros expositivos e atividades laboratoriais, mas sempre enfatizando a interação entre pesquisadores e sujeitos pesquisados. Nos dois primeiros, apresentamos conceitos básicos sobre o funcionamento e o papel social do jornalismo profissional, a partir de exemplos tirados do cinema, dos quadrinhos e do cotidiano, mas observamos um baixo grau de engajamento com as discussões propostas.

O caráter expositivo dessa primeira fase da oficina, talvez reforçado pelo ambiente e pelos recursos didáticos utilizados, pode ter contribuído para um distanciamento dos estudantes dos temas abordados.

Mais uma vez, se para “nós” o letramento midiático e informacional do grupo se colocava como questão, para “eles” não aparecia como um problema urgente.

A partir do terceiro encontro, iniciamos as atividades de produção de pauta, realizadas no formato de roda de conversa, reduzindo as assimetrias e deixando os participantes mais à vontade para se expressarem. Em função do recorte que faremos para esta discussão, vamos deter-nos na análise das interações durante essas reuniões, ocorridas em dois dias. A partir delas, pudemos vislumbrar as percepções e inquietações dos jovens/adolescentes a respeito da condição juvenil.

No jornalismo, a reunião de pauta tem como função a definição dos temas, recortes e fontes que vão compor o noticiário de um produto jornalístico, considerando os critérios de noticiabilidade e os aspectos particulares do veículo em questão – público-alvo, periodicidade, plataforma etc.

No caso da nossa pesquisa, os estudantes compreenderam que seu blog se direcionava à comunidade escolar; nesse sentido, os assuntos deveriam interessar aos seus pares. Partiam, portanto, do particular – seus gostos, suas preocupações, seus interesses – para definir a pauta. Daí o deslocamento do texto para o contexto a partir do qual, ao falarem de mídia, os sujeitos juvenis falavam de si mesmos.

Um dos primeiros assuntos que apareceram na reunião de pauta, realizada com 11 participantes, foi a fofoca. O grupo já tinha citado o tema em outra ocasião, associado ao namoro dos “famosos”, nas discussões sobre o tipo de notícia que interessava aos jovens. Agora, voltava como proposta de pauta relacionada ao cotidiano escolar:

L: A gente quer saber quem está saindo com quem.

Longe de parecer fútil, o interesse aponta o papel do grupo na produção e legitimação de referências de comportamento. “Saber quem está saindo com quem”, nesta perspectiva, se coloca como estratégia de controle e definição de padrões pelos próprios pares, “a gente”. Por outro lado, também revela a presença de valores morais construídos na relação com os mais velhos, que estabelecem limites para a experimentação dos afetos.

Nesse sentido, a partir da fofoca, os jovens e adolescentes pesquisados reiteram sua “ambiguidade identitária” (PAPPÁMIKAIL; VIEIRA, p. 33-34), manifesta entre o desejo de autonomia e o assujeitamento, revelando como esse sujeito “constrói uma experiência que lhe pertence, a partir de lógicas de ação que

não lhe pertencem” (WAUTIER, 2003, p. 136). Também deixa entrever a permeabilidade entre os repertórios de diferentes gerações, que, conforme Mannheim (1952), faz parte do processo de transmissão da herança cultural.

Por fim, percebe-se como a cultura da mídia e uma das suas facetas mais problemáticas – a superexposição da vida privada de pessoas públicas – influenciam a percepção dos jovens a respeito do interesse público. Dando destaque à fofoca, os estudantes reproduzem a lógica que pauta alguns dos veículos de comunicação que costumam acessar. A partir desse gancho, propusemos um debate a respeito dos efeitos deste tipo de “notícia” sobre a vida dos sujeitos e suas implicações éticas e legais. Conversamos sobre o papel das agências de checagem no processo de verificação dos dados divulgados na mídia e sugerimos novas abordagens para uma comunicação de interesse público. Assim surgiu uma primeira pauta: “a merenda escolar”. Os depoimentos revelavam que já havia um debate a respeito:

J: Ninguém gosta de moela.

M: Mas eles dizem que tem que ter uma alimentação balanceada. Antes não tinha nutricionista, agora tem.

O pronome “eles”, no caso, se refere à direção da escola, com a qual uma das jovens do grupo demonstrava ter discutido o assunto. O colégio oferece a refeição aos alunos a partir de um cardápio montado semanalmente. Embora tenham a possibilidade de combinar os alimentos, as escolas recebem um número de itens definido pela própria Secretaria de Educação.

O debate dos estudantes se deu, a partir daí, em torno da efetividade de uma nova tentativa de levar o tema à direção. Já que a Secretaria fornecia a moela, o colégio teria opção de não servir o prato aos estudantes? Seria possível mudar essa realidade? A discussão, portanto, se deslocava do blog para o cotidiano escolar.

Na perspectiva do grupo, o desenvolvimento de um produto de comunicação tinha uma função bastante pragmática, quase reivindicatória, frente à instituição escolar. Discutir mídia, neste sentido, era dar forma aos embates cotidianos em torno de suas demandas, reconhecendo a assimetria nas relações e as lógicas a partir das quais poderiam definir suas estratégias.

O esporte foi outro tema trazido para a discussão sobre as pautas do blog. Uma das estudantes sugeriu o desenvolvimento de uma matéria sobre o campeonato de futebol feminino. Mais uma vez, o recorte dado ao tema implicava um questionamento e a reivindicação de uma demanda importante para

as meninas. Um dos participantes argumentou que a direção já havia acatado a proposta, e o campeonato seria realizado no ano seguinte. Outra, no entanto, insistia em discutir o argumento de que não havia campeonato porque as meninas não tinham interesse no esporte.

Embora não possamos associar essa postura mais combativa a um legado das ocupações de 2016, podemos, ao menos, assinalar a coincidência entre o posicionamento das jovens/adolescentes durante a oficina e o das líderes do movimento, assinalando uma possível unidade geracional. Conforme Corrochano, Dorow e Jardim (2018), a presença das meninas na linha de frente das manifestações foi simbolicamente importante, com “várias fotos de manifestações que circularam nas redes, muitas vezes acompanhadas da hashtag ‘lute como uma menina’” (p. 61).

A música, que também já havia aparecido na discussão sobre o formato do produto jornalístico escolhido pelo grupo, retornou à roda, desta vez como pauta. No primeiro encontro, alguns participantes informaram a presença das “rádios de música” no seu cotidiano, assim como podcasts e outros formatos de streaming. O funk foi um dos gêneros mencionados, gerando reações de aprovação e desaprovação ao tipo de música que representa. Já na reunião de pauta, os gêneros que ganharam destaque na fala de uma das participantes foram o hip-hop e o K-pop, ambos com forte apelo juvenil. A jovem estudante, uma moça negra de 15 anos, fez uma comparação entre grupos nacionais e internacionais de hip-hop, mostrando que a música, assim como a dança, tem um espaço importante entre seus interesses. Vale lembrar que o acesso tanto aos músicos internacionais de hip-hop quanto às bandas e músicas do gênero sul-coreano K-pop se dá quase exclusivamente via plataformas digitais, revelando os atravessamentos midiáticos na constituição dos gostos e subjetividades juvenis.

Outros dois temas sugeridos para a produção do blog foram os jogos eletrônicos e o futebol. A partir desse primeiro levantamento, os participantes se dividiram, conforme o interesse, em torno dos assuntos, que seriam retomados no encontro seguinte.

No quarto encontro, reunimos um público menor que nos dias anteriores, sete alunos. Apesar disso, nos pareceram bastante interessados em retomar o último ponto da semana anterior, a reunião de pauta, realizada num círculo em que todos ficaram muito à vontade para expor suas opiniões, gostos e preferências. Uma das estudantes, notando que a sala mantinha a configuração original, com cadeiras em fila, voltadas para o projetor, manifestou o desconforto com o formato:

J: Já podemos ir para rodinha?

A pergunta trazia, de modo sutil, uma crítica à organização hierárquica que se revelava na organização do espaço. Ir para a rodinha significava, nestes termos, romper com a estrutura vertical, reivindicando novos sentidos para a sala de aula. Depois de refazer a roda, reiniciamos o debate a respeito das pautas para o blog.

Durante o debate, os estudantes reviram algumas das suas ideias e apresentaram estratégias para coleta de informações. Um grupo de alunas resolveu fazer uma enquete nas turmas do turno da tarde para saber quais eram os pratos prediletos e os detestados pelos estudantes no cardápio escolar. Também se propuseram a levar o resultado à direção.

Nesse sentido, ficou claro que, na percepção deles, comunicar era intervir. E a comunicação não passava necessariamente por uma mídia. O processo comunicativo era muito mais amplo que o produto da comunicação, o que se tornou evidente no encontro seguinte, quando, mesmo já tendo apurado as informações, os estudantes abriram mão de publicá-las no blog.

A discussão sobre a merenda resvalou para o desperdício, manifesto a partir de duas perspectivas: a de que as merendeiras serviam muita comida, e boa parte ia para o lixo; e a de que o colégio mantém no cardápio opções como a moela, que acabam também indo para o lixo. Uma das estudantes argumentou que já havia proposto à escola distribuir as sobras das refeições para a população em situação de rua. Conforme pudemos observar, havia várias pessoas vivendo nas calçadas no entorno da escola, numa região da cidade que concentra muito comércio de rua. A posição da direção, no entanto, foi a de não acatar a proposta.

Outra pauta que surgiu foi a feira de cultura africana que seria realizada, em comemoração ao dia da Consciência Negra, na escola. Um grupo de alunas se voluntariou para conversar com os professores e coletar informações junto aos outros estudantes para entender a importância da data. O debate impulsionou uma discussão sobre o racismo. Apenas uma das participantes, uma moça de 18 anos, se declarou negra. Outros lembraram que um dos colegas de turma era vítima de racismo. Perguntamos se consideravam importante a data que a escola escolheu para realizar a feira de cultura africana, 20 de novembro. Boa parte declarou que sim, mas não desenvolveu argumentos a respeito.

A moça que se declarou negra associou a discussão à política de cotas nas universidades, usando argumentos bastante difundidos no senso comum para criticá-la, alguns deles incorporados pela própria mídia, como o de que são uma forma de discriminação, ou que nivelam “por baixo”. Os colegas não demonstraram interesse em discutir a questão, manifestando um leve desconforto.

Sob este aspecto, podemos notar o papel da mídia na formação de diferentes unidades geracionais. Ao fornecer modelos e referências para a “produção dos sujeitos”, a cultura midiática elabora, também, diferentes respostas para os problemas do presente. Isso se verifica, por exemplo, em relação à política de cotas, em que argumentos contra e a favor permitem a produção de diferentes subjetividades em torno da questão racial.

A diferença de interesse entre as duas pautas – o campeonato de futebol feminino e a feira de cultura africana – revela o que Corrochano, Dowbor e Jardim (2018, p. 62) observaram em relação às ocupações de 2016. Conforme assinalaram, “as juventudes não são, por si mesmas, nem revolucionárias, nem conservadoras: apenas as posições e conexões geracionais é que contém a possibilidade de configurar unidades geracionais, distintas e/ou concorrentes”. Podemos considerar que racismo, fome, desperdício são problemas contemporâneos, mas o peso e as respostas que cada unidade geracional atribui a cada um deles podem variar enormemente, atravessados por posições de classe, raça, gênero, entre outras.

A última atividade do dia foi a escolha do nome do blog: Vida na escola. Certamente a escolha tem a ver com as circunstâncias em que se deu a oficina. Mas também mostra que a instituição ainda desempenha um papel importante na vida daquele grupo de jovens e adolescentes, a despeito da suposta crise de legitimidade. Após serem apresentados à interface da plataforma, nossos informantes receberam o login e a senha para entrarem no blog e decidiram criar um grupo de WhatsApp para coordenarem a apuração.

Ao longo da semana, observamos que o grupo não funcionou ou não chegou a ser criado. Também não vimos sinal de atividade dos participantes na plataforma do blog. No quinto encontro, apenas três participantes compareceram. Destes, nenhum tinha feito pesquisas ou apuração para as pautas. Os que fizeram não compareceram: preferiram ficar no pátio, participando do campeonato de Uno organizado pelos próprios estudantes.

A opção pelo lazer poderia ser interpretada pela chave do desinteresse frente aos conteúdos e experiências oferecidos pela instituição escolar. Mas acreditamos que pode representar, também, a expressão do direito de escolher o que fazer dentro do espaço de negociação possível. Zappaz e Vargas (2016) lembram que *lazer* vem do latim *licere*, significando “ser permitido, poder, ter o direito”. Parece-nos muito esclarecedor que, diante da possibilidade de realizar uma atividade de lazer no pátio ou participar de uma oficina que “não demandaram”, eles se tenham permitido escolher a sociabilidade com os pares.

Nesse sentido, ficar no pátio tem vários significados para além de um presumível desinteresse em aprender algo: revela a força do grupo no processo de socialização; constrói identidades e denota diferenças; mostra conhecimento sobre as lógicas a partir das quais se posicionam nos processos sociais; manifesta seu desejo de autonomia; atribui novos sentidos à experiência escolar; entre outros.

Considerações finais

Temos enfatizado que a pesquisa com sujeitos juvenis nos auxilia a compreender as mutações do contemporâneo. Na feliz metáfora de Dayrrel (2007), a condição juvenil se apresenta como a ponta do iceberg das transformações nos processos de socialização e das próprias instituições.

Pesquisar as formas de produção e consumo de mídia juvenil a partir do cotidiano escolar nos forneceu *insights* a respeito de como os jovens e adolescentes “produzem” a condição juvenil, já que, ao falarem de mídia, falam de si mesmos. A partir da oficina realizada em Niterói, pudemos conhecer um pouco dos gostos, hábitos e interesses, bem como da ação política do grupo estudado.

As manifestações sobre o novo campeonato de futebol feminino, esperado para o ano seguinte, mostraram como o feminismo entrava na pauta de maneira empírica, sem um debate sobre a equidade de gênero propriamente. Também observamos como a ocupação dos espaços escolares estava em disputa, com a organização de um campeonato de Uno no pátio, que, aliás, contribuiu para o esvaziamento da oficina. A escola se mostrou uma referência ainda importante para o grupo, sendo seu significado constantemente negociado.

Do mesmo modo que organizavam suas reivindicações, os estudantes estavam conscientes dos limites de sua influência sobre as decisões escolares. A questão da merenda, por exemplo, esbarrava numa

definição que a escola impunha. O espaço para ação, nesse caso, se dava em termos de comer ou não o cardápio que a escola oferecia. A discussão sobre o poder dos adolescentes em definir sua própria alimentação e a negociação com os adultos sobre o que é melhor para sua nutrição *versus* do que mais gostam mostraram sua visão sobre a liberdade e a efetividade de sua ação política. Também observamos como, a partir de sua própria situação, problematizaram questões mais amplas, como o desperdício e a fome, e a forma como tentavam trazer esse debate para o universo escolar.

Aceitar, reivindicar, negociar se mostraram mecanismos cotidianos para redefinir seu espaço e sua autonomia num universo regido por regras feitas por adultos. A comunicação, nesse contexto, se mostrou um mecanismo importante para agir sobre esse espaço. Ao problematizar a efetividade dessa ação, os estudantes apontavam não para a despolitização, mas para uma dificuldade de avançar em determinadas pautas, em função dos limites impostos de cima para baixo.

Para nós, ficou claro que a discussão sobre a mídia, seus processos e a oportunidade de exercer a cidadania comunicacional foi lida pelos jovens/adolescentes como uma oportunidade de falarem de si mesmos, mas também de demonstrarem o desejo de ampliar suas possibilidades de participação, compreendendo o discurso como uma forma de intervenção social.

Carla Baiense Felix

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7287-6170>

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Niterói (RJ), Brasil

Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ

E-mail: carlabaiense@yahoo.com.br

Recebido em: 21 de maio de 2020.

Aprovado em: 24 de junho de 2020.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v21.ed43.2021.224>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 21, Nº 43, p.191-209, jan./abr. 2021

Referências

- CORROCHANO, Maria Carla; DOWBOR, Monika; JARDIM, Fabiana A.A. Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.4, n.1, jan.-abr. 2018, p.50-66.
- DAYRREL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- DUBET, François. **Sociologie de l’expérience**. Paris: Seuil, 1994.
- MANNHEIM, Karl, 1952. The problem of generations. Em P. Kecskemeti (Ed.), **Essays on the Sociology of Knowledge**. London: Routledge and Kegan Paul.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Grammaires de l’individu**. Paris: Gallimard, 2002.
- SETTON, Maria Graça Jacintho. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 711-724, dez. 2011.
- SILVEIRA, Éder da Silva. Entrevista com François Dubet. Estigmas e discriminações – a experiência individual como objeto. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 1, p. 157-161, jan.-abr. 2015.
- PAPPÁMIKAIL, Lia; VIEIRA, Maria Manuel. A (in) disponibilidade dos sujeitos como objeto de estudo: reflexões a partir de duas pesquisas com adolescentes. In: FERREIRA, Vítor Sérgio (org). **Pesquisar jovens**. Caminhos e desafios metodológicos. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 33-55.
- WAUTIER, Anne Marie. Por uma Sociologia da Experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, nº 9, jan/jun, 2003, p. 174-214.
- WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.
- ZAPPAZ, Ivanês; VARGAS, Juliana Ribeiro de. Não tenho tempo para nada! A constituição das práticas de lazer de jovens contemporâneos. In: MACHADO, Otávio Luiz (Org.). **Juventudes e sociedades no Brasil**: estudos transdisciplinares. Volume 2 - Políticas públicas de juventude; Expressões culturais, juventudes e comunicação. Frutal-MG: Editora Prospectiva, 2016.

Resumo

Este artigo apresenta os resultados preliminares da pesquisa “Visões da juventude: mediatização, letramento e produção de sentidos”, realizada em uma escola pública de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. Utilizando como metodologia a observação participante, a investigação buscou compreender como os sujeitos produzem sentidos sobre a condição juvenil (DAYRREL, 2007). A observação se deu durante uma oficina de produção e leitura crítica da mídia, oferecida em seis encontros presenciais, em 2019. Tendo como pré-texto as discussões sobre o funcionamento e as funções do jornalismo na sociedade, observamos a maneira particular como um grupo de estudantes do 8º ano, marcados por diferentes processos de socialização, mas que partilham, entre si, a mesma posição geracional (MANNHEIM, 1952), “produzem a juventude” (DUBET, 1994) em suas narrativas. Entre as percepções, sobressai a forma como tensionam os limites da participação juvenil na esfera pública, a partir da experiência cotidiana, e conferem “novos sentidos à vida escolar” (CORROCHANO; DOROW, JARDIM, 2018, p. 51).

Palavras-chave: Juventude. Narrativa. Mídia. Socialização. Experiência.

Abstract

This article presents the preliminary results of the research “Visions of youth: mediatization, literacy and production of meanings”, carried out in a public school in Niterói, metropolitan region of Rio de Janeiro. Using participatory observation as a methodology, the investigation sought to understand how the subjects produce meanings about the youth condition (DAYRREL, 2007). The observation took place during a production and critical reading of the media workshop, offered in six face-to-face meetings, in 2019. Having as a pre-text the discussions about the functioning and functions of journalism in society, we observe the particular way as a group of 8th grade students, marked by different socialization processes, but who share, among themselves, the same generational position (MANNHEIM, 1952), “produce youth” (DUBET, 1994) in their narratives. Among the perceptions, the way they tension the limits of youth participation in the public sphere, based on everyday life experience, and give “new meanings to school life” (CORROCHANO; DOROW, JARDIM, 2018, p. 51).

Keywords: Youth. Narrative. Media. Socialization. Experience.

Resumen

Este artículo presenta los resultados de la investigación “Visiones de la juventud: mediatización, alfabetización y producción de significados”, realizada en una escuela pública en Niterói, región metropolitana de Río de Janeiro. Utilizando la observación participativa como metodología, la investigación buscó comprender cómo los sujetos producen significados sobre la condición juvenil (DAYRREL, 2007). La observación tuvo lugar durante un taller de producción y lectura crítica de los medios, ofrecida en seis reuniones cara a cara, en 2019. Teniendo como pre-texto las discusiones sobre el funcionamiento y las funciones del periodismo en la sociedad, observamos la forma particular como un grupo de los estudiantes de octavo grado, marcados por diferentes procesos de socialización, pero que comparten, entre ellos, la misma posición generacional (MANNHEIM, 1952), "producen juventud" (DUBET, 1994) en sus narrativas. Entre las percepciones, se destaca la forma en que tensan los límites de la participación juvenil en la esfera pública, basada en la experiencia cotidiana, y le dan "nuevos significados a la vida escolar" (CORROCHANO; DOROW, JARDIM, 2018, p. 51).

Palabras clave: Juventud. Narrativa. Medios de comunicación. Socialización. Experiencia.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.